

Recontando a vida em narrativas pessoais: um estudo de metáforas na perspectiva da Lingüística de Corpus

Tony Berber Sardinha¹

'Life's like a box of chocolates.'
(Forrest Gump)

Resumo: *In this paper, I analyze 32 personal narratives in which volunteer interviewees recount their life. The methodology consisted of a bottom up approach, in which the data were analyzed without choosing a list of words or metaphors beforehand. The corpus was processed by the Metaphor Candidate Identifier, which suggested the word 'tenho' ('I have'). Semantic prosody is a lexicogrammatical pattern that may express an evaluation (positive, negative, neutral etc.). Results indicated that (1) all metaphors formed with 'tenho' were ontological, which meant that the events and emotions in the interviewees' lives were conceptualized as objects; (2) most of the metaphors had a positive semantic prosody; (3) the patterns revealing the semantic prosodies were stable. The conclusion is that all the different ontological metaphors with 'tenho' might be considered to form a group which had an underlying structural metaphor such as life is a collection of objects.*

Palavras-chave: *Metáfora; Narrativas Pessoais; Lingüística de Corpus; Prosódia Semântica.*

1. Introdução

A vida humana é um conjunto de experiências, emoções e interações da mais extrema complexidade. Ao longo da vida, colecionamos momentos que vão da

¹ PUCSP. Sou grato aos dois pareceristas anônimos, pela leitura e recomendações, e às agências, pela ajuda financeira: CNPq, processos 350455/2003-1, 307307/2006-9, 400574/2007-1; Capes, processo 0397/04-0; Fapesp, processo 06/001099.

² Attributes are possessed objects.

mais intensa alegria à mais profunda dor. Para fazer sentido dela, precisamos da metáfora; ela nos oferece meios fundamentais para lidarmos com o que a vida nos traz. Com ela, podemos falar, racionalizar, conceituar, estruturar, concordar, discordar, nos conformar, rebelar, enfim, refletir e fazer sentido de nossas vidas (CAMERON, no prelo). Segundo Zanotto, Cameron e Cavalcanti (no prelo 1):

People use metaphor in the ordinary moments of their lives. In family and work situations, they use metaphor to explain their thoughts and ideas to other people, and to express delight, caring, approval, as well as their more negative counterparts. Metaphor surrounds us as we go about our daily business, impacting on how we understand ourselves and others.

Neste estudo, enfocamos a problemática das metáforas na vida humana do ponto de vista das narrativas de vida. Narrativas de vida são histórias contadas por um indivíduo, em que são descritos acontecimentos de sua vida. Tais narrativas são poderosos instrumentos para entendermos como as pessoas enxergam sua própria vida (JONSSON *et al.*, 2000), pois registram a memória coletiva de uma sociedade. Conforme coloca Polkinghorne (1995):

Narrative is the linguistic form uniquely suited for displaying human existence as situated action. Narrative descriptions exhibit human activity as purposeful engagement with the world. Narrative is the type of discourse composition that draws together diverse events, happenings and actions of human lives into thematically unified goal-oriented processes.

Analisamos uma coletânea de 32 narrativas em que pessoas com mais de 60 anos contam suas vidas. Essas narrativas foram coletadas pelo Museu da Pessoa (www.museudapessoa.org.br), num esforço de manter viva a memória do povo brasileiro, a partir da visão de pessoas comuns. Essa coletânea constitui-se em um corpus eletrônico, isto é, um conjunto de textos colhido criteriosamente com o propósito de servir à análise linguística (BERBER SARDINHA, 2004).

A análise das metáforas, neste estudo, é de cunho *bottom up* (DEIGNAN, 2005), pois não partimos de um inventário *a priori* de metáforas linguísticas ou conceptuais para encontrar as metáforas no corpus. Todas as palavras do corpus são submetidas a um programa de computador que levanta a probabilidade de uso metafórico de cada palavra. Com base nisso, procedemos à análise de uma palavra de alta probabilidade e dos padrões léxico-gramaticais associados a ela.

O problema principal na identificação de metáforas em corpora eletrônicos é que a grande quantidade de dados disponibilizada na maioria dos corpora exige algum meio de extração automática de metáforas ou candidatos a metáfora. Caso contrário, a análise fica comprometida, pois o analista corre o risco de não perceber ocorrências importantes de metáfora, seja por fadiga (cansaço decorrente

da leitura e releitura de muitos dados), desatenção (perda de foco na leitura devido à leitura de muitos textos) e viés (preferência por encontrar algumas metáforas em detrimento de outras).

Cientes desse problema, empregamos o 'Identificador de Metáforas', um programa que identifica candidatos a metáfora em corpus por meio de análise léxico-gramatical (BERBER SARDINHA, 2006) e de probabilidades de uso de vocabulário metafórico (Berber Sardinha, no prelo). O identificador está disponível *on-line* em <http://www2.lael.pucsp.br/corpora>. O identificador localiza indícios de metáforas linguísticas (expressões metafóricas usadas nas falas), mas não diretamente as metáforas conceptuais (representações mentais que licenciam as metáforas linguísticas). As metáforas conceptuais são inferidas pelo analista, a partir da presença das metáforas linguísticas. O papel do identificador é o de localizar itens com potencial metafórico, que são posteriormente estudados, no contexto, pelo analista. Essa análise é qualitativa, visto que o analista interpreta as instâncias de uso das possíveis metáforas. Isso é feito por meio de concordâncias, que são listagens de uma palavra ou expressão acompanhadas dos trechos onde ocorreram nas narrativas.

2. Fundamentação teórica

A publicação de 'Metaphors We Live By' (LAKOFF & JOHNSON, 1980), suscitou um interesse crescente nos estudos da metáfora da comunicação humana, especialmente com uma orientação cognitiva nas questões relacionadas às metáforas conceptuais. Por orientação cognitiva, entende-se um tipo de abordagem que visa a compreensão de como as metáforas se relacionam com o modo pelo qual as pessoas pensam, organizam seu pensamento e experienciam a realidade.

Para tratar de questões de uso de metáfora na linguagem autêntica, precisamos recorrer à análise de metáforas linguísticas e, para tanto, nos apoiamos na proposta de Cameron (2003), que inclui os seguintes conceitos:

- Veículo (*Vehicle*): Uma parte de uma metáfora linguística que contém palavras usadas metaforicamente. Por exemplo, em 'ele subiu na vida', 'subiu na vida' são os Veículos, pois são palavras usadas metaforicamente naquele contexto;

- Tópico (*Topic*): Uma parte de uma metáfora linguística que contém palavras a que se referem os Veículos. Na frase 'ele subiu na vida', 'ele' é o Tópico (a respeito de quem usamos os Veículos metafóricos).

A vida humana já foi estudada do ponto de vista das metáforas. Lakoff e Johnson (1980), por exemplo, enfocam a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM (LIFE IS A JOURNEY). Assim, conceitualizamos nossas vidas como viagens quando usamos expressões do tipo 'minha vida vai bem', 'estou num beco sem saída', 'minha vida está andando para trás' etc.

A metáfora da vida como viagem está relacionada à da estrutura do movimento (EVENT STRUCTURE). Segundo essa metáfora, acontecimentos complexos são conceitualizados em termos de espaço e movimento (LAKOFF, 1990). Essa metáfora se divide em várias outras (KÖVECSES, 2000: 52), como por exemplo PROPÓSITOS SÃO DESTINOS (PURPOSES ARE DESTINATIONS), que licencia expressões do tipo 'não consigo sair do lugar', 'ele vai longe', 'ela está sem rumo' etc.

Apesar dessas várias metáforas disponíveis na literatura, parece-nos que falta ainda um meio de distinguirmos acontecimentos bons e ruins da vida. As metáforas A VIDA É UMA VIAGEM E PROPÓSITOS SÃO DESTINOS servem tanto para se referir a algo alegre como 'minha vida vai de vento em popa', quanto para algo triste como 'minha vida está sem rumo'. Em se tratando de narrativas pessoais, é essencial que possamos diferenciar esses dois casos.

Uma maneira de tentar fazer essa distinção é com a prosódia semântica. A prosódia semântica é um tipo de padrão léxico-gramatical (BERBER SARDINHA, 2007; LOUW, 1993) que pode exprimir uma avaliação, positiva, negativa, neutra, recriminatória, condescendente etc. Por exemplo, Stubbs (1995) observou que o verbo *to cause*, em inglês, está relacionado a uma prosódia semântica negativa. Geralmente, ocorre em expressões do tipo 'cause problems' ('causar problemas'), 'cause illness' ('causar doença'), 'cause death' ('causar a morte') etc. que são, todos, eventos ou emoções negativas; dificilmente ocorre em expressões do tipo 'cause happiness' ('causar alegria'), que se refere a um atributo positivo. Por causa disso, podemos dizer que *to cause* possui uma prosódia semântica predominantemente negativa, tanto que sua definição poderia ser mudada de 'fazer algo acontecer' para 'fazer algo *geralmente ruim* acontecer'. É importante destacar o uso de um modalizador (como 'predominantemente', 'tipicamente', 'geralmente' etc.) quando da descrição da prosódia semântica. Isso se deve ao fato de que a prosódia semântica advém de uma visão probabilística de linguagem, em que as características lingüísticas ocorrem com uma certa probabilidade e não em termos absolutos (BERBER SARDINHA, no prelo; HALLIDAY, 1993, 2005). Dessa forma, o padrão 'cause + atributo negativo' é predominante em inglês, mas não é absoluto. Podemos encontrar exemplos de 'cause + atributo positivo', mas isso é raro, ou ocorre em contextos de ironia, sátira, humor ou de aprendizado da língua.

No uso, podemos subverter a prosódia predominante, como por exemplo através da negação. Se dissermos 'he did *not* cause harm' (ele *não* causou nenhum mal), a prosódia semântica passa a ser positiva. Por isso, é necessário verificar o emprego do padrão, no contexto. Isso é feito, na Lingüística de Corpus, com concordâncias, que tornam possível verificar, de modo organizado, os vários usos de uma palavra e analisá-los lingüisticamente.

O termo 'prosódia' vem do fato de a avaliação (positiva, negativa etc.) se espalhar pela expressão ou oração, assim como uma prosódia se espalha por vários fonemas ou sons da fala. O foco da prosódia não pode ser definido com

precisão; a prosódia semântica, na verdade, nasce da co-ocorrência de palavras. Voltando ao exemplo anterior, sabemos que a prosódia semântica gravita em torno de 'cause', mas não podemos precisar qual sua extensão, pois ela está distribuída nas palavras ao redor de 'cause'. Assim, não se trata de saber qual a 'fonte' da prosódia semântica, se é 'problems', 'illness', 'death' ou 'cause', pois o fenômeno nasce da co-ocorrência de 'problems' com 'cause', de 'death' com 'cause' etc.

O termo tradicional para esse fenômeno é conotação. As principais diferenças entre conotação e prosódia semântica são duas: (1) a prosódia semântica trata do processo, enquanto conotação refere-se ao produto. Ou seja, as palavras 'cause', 'death', 'problems', 'illness' etc. estão envolvidas em um processo de prosódia semântica negativa e por isso adquirem conotação negativa. Podemos, contudo, falar que palavras possuem prosódia semântica; assim, *to cause* possui prosódia semântica e conotação negativa. (2) A prosódia semântica requer a análise de dados para ser determinada. Não podemos supor que haja prosódia semântica por meio da nossa intuição. É preciso observar dados de corpora (referentes à produção de outros usuários da língua) para podermos estabelecer a prosódia semântica.

Os atributos da prosódia semântica podem ser chamados de sua polaridade. Dessa forma, 'cause' tem uma polaridade (predominantemente) negativa.

3. Metodologia

A proposta de investigação de metáforas que seguimos neste trabalho baseia-se na Lingüística de Corpus (BERBER SARDINHA, 2004; BIBER *et al.*, 1998; MCENERY & WILSON, 1996). Segundo Berber Sardinha (2000, p. 326):

A Lingüística de Corpus ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjuntos de dados lingüísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade lingüística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador.

A Lingüística de Corpus vem sendo usada nos estudos de metáfora há algum tempo (cf. Deignan (2005). Um problema com muitos estudos de metáfora com corpora (eg. Koller, 2004) é que as metáforas são escolhidas de antemão, pois, antes da análise do corpus, é feita uma seleção prévia das palavras que serão pesquisadas. Segundo Berber Sardinha (2007b), essa metodologia introduz um viés na pesquisa, pois predispõe certas metáforas a serem estudadas em detrimento de outras. Assim, sugere que sejam desenvolvidas metodologias ascendentes (*bottom up*) de identificação de metáforas em corpora. Em estudos com metodologia *bottom up*, Berber Sardinha identificou metáforas empregadas por

alunos de mestrado de Linguística Aplicada em suas dissertações de mestrado (2007d) e nos discursos do presidente Luís Inácio Lula da Silva (2007c).

Neste trabalho, também adotamos uma perspectiva *bottom up* de identificação das metáforas em corpus. O corpus utilizado na pesquisa consiste em 32 depoimentos contendo narrativas pessoais da vida de cada depoente, colhidos pelo Museu da Pessoa (www.museudapessoa.com.br). O total de palavras ('tokens') do corpus é de 432.032. Em cada narrativa, os depoentes são entrevistados por funcionários do Museu, que lhes fazem perguntas sobre sua vida. Os depoentes são voluntários. Os dados foram obtidos por meio do sítio do Museu; o uso para a pesquisa foi autorizado pelas responsáveis.

O corpus foi submetido ao Metaphor Candidate Identifier (BERBER SARDINHA, 2006), um programa que detecta a probabilidade de uso metafórico das palavras de um corpus. A probabilidade de uso metafórico é um recurso que permite ao pesquisador fazer uma triagem das palavras que deseja estudar no corpus do ponto de vista da metáfora. Ou seja, ao invés de definir de antemão qual léxico será investigado, ou de ler apenas parte do corpus, o pesquisador leva em conta todas as palavras dos seus dados.

4. Análise

O Metaphor Candidate Identifier mostrou que as seguintes palavras possuíam maior probabilidade de uso metafórico no corpus (segundo a coluna *Tag(Prob)*):

Fig. 1: Palavras com maior probabilidade de uso metafórico no corpus

#	Word	Tag(Prob)	Vehicle	Left Bndl	Right Bndl	Framework	Wordclass
000001	tenho	.8621	.7735	1.0000	1.0000	.8333	.7041
000002	levo	.8574	.7500	1.0000	1.0000	.8333	.7041
000003	frente	.8479	.6800	1.0000	1.0000	.8709	.6887
000004	papel	.7932	.6774	1.0000	.7500	.8503	.6887
000005	ana	.7262	.0001	1.0000	1.0000	.9423	.6887

Em seguida, fizemos uma análise manual, qualitativa, da palavra com maior probabilidade de uso metafórico, que é 'tenho'. Para tanto, fizemos uma concordância de todas as ocorrências da palavra, por meio do Concordanciador do CEPRIIL (www2.lael.pucsp.br/corpora). Descartamos as ocorrências de 'tenho' como verbo auxiliar e de 'tenho' com sentido de posse ('tenho um irmão').

Os Veículos foram todos lematizados, isto é, reduzidos a sua forma canônica (por exemplo, 'lembranças' foi lematizado como 'lembrança').

5. Apresentação dos resultados

A palavra 'tenho' apresentou probabilidade de uso metafórico de 86,21% segundo o Metaphor Candidate Identifier. Havia 499 ocorrências de 'tenho' no corpus, sendo que, dentre elas, 149 eram parte de uma metáfora, o que resulta em 29,9% de uso metafórico. Trata-se, portanto, de um caso em que o Metaphor Candidate Identifier superestimou a metaforicidade da palavra em questão, pois previu um valor muito maior. Essa questão será discutida na seção de interpretação dos resultados.

Os 149 casos eram de metáforas ontológicas, em que algo abstrato estava sendo conceptualizado como algo concreto.

Para cada Veículo (os complementos de 'tenho'), estabelecemos a polaridade da prosódia semântica: positiva, negativa, neutra ou indeterminada. Não encontramos nenhum caso de prosódia semântica neutra. As contagens aparecem a seguir.

Polaridade da prosódia semântica	Ocorrências	%	Média de frequência
Positiva	76	51%	1,1
Negativa	42	42%	0,9
Indeterminada	11	7%	0,2
Totais	149	100%	0,7

Tabela 1: Frequência da polaridade de prosódia semântica dos Veículos

A média de frequência de cada polaridade foi calculada e depois comparada com um teste ANOVA. Segundo o teste, há uma diferença significativa entre as médias ($F=7,692$, $p=0,000601622$), o que sugere que há de fato mais ocorrências de Veículos com polaridade positiva.

Passamos agora a verificar mais de perto os dados de cada polaridade. Exibimos os dados em tabelas que agrupam os Veículos em termos de sua preponderância de ocorrência; por exemplo, um Veículo tem preponderância de ocorrência positiva quando possui maior frequência de ocorrência de prosódia semântica positiva. Os Veículos que tiveram frequência igual em duas ou mais polaridades foram julgados empatados.

Havia 32 Veículos com preponderância de prosódia semântica positiva. As ocorrências de prosódia semântica positiva somam 66.

O maior número de ocorrências é o do lema 'lembrança'. A concordância a seguir mostra as 19 ocorrências do padrão 'tenho + lembrança'.

86 nha a gente no coio e brincava, essa lembrança eu tenho muita! E minha avó, que eu tinha esquecido,
 88 quebrava o jejum!... Isso me marcou bastante, eu tenho uma boa lembrança disso! E também ... também
 109 oa. Era horrível! Eu pratiquei muito futebol e eu tenho uma lembrança agradável do Paulista que era
 117 a, todas as minhas fases foram muito boas. Eu não tenho lembranças amargas, aí, isso, aquilo, não, v
 130 s foi. Na minha ideia parece que foi 23 dias. Não tenho bem lembrança. E tinha um padre que era quem
 148 R - 3 anos de idade. Não tenho lembrança.
 184 r pra ficar carola, ficar não sei quê... Não, eu tenho uma lembrança linda do colégio das freiras,
 187 na educação. Foi uma coisa muito linda, muito. Eu tenho uma lembrança imensa. Eu gostaria que essas
 209 ca porque me parece que essa é a lembrança que eu tenho dela mas tinha uma cultura boa, interessante
 224 Sempre ajudou. É a única pessoa realmente que eu tenho lembranças boas é essa minha prima, Ovída. q
 229 ra um filho meu. Aqui na Barão de Tatuí eu também tenho muitas lembranças boas, de clientes, eu semp
 265 , não sabia falar em outra coisa. Então aquele eu tenho lembranças muito ruins. Olha, falei de quem
 300 lo. Eu ia com eles. A lembrança da fazenda que eu tenho, no município de Pirajui, na Noroeste, era u
 302 sa de casal que estava organizando a vida. Mas eu tenho boas lembranças, sobretudo porque eu ia a pé
 305 tuadas, porque o bonde ia vazio e era costume. Eu tenho poucas lembranças porque eu saí de lá com se
 308 esta do Trianon, que em baixo tinha uma festa. Eu tenho poucas lembranças porque eu era pequena, mas
 441 R - Infância mais remota, só alguns flashes, mas tenho lembranças mais nítidas a partir do curso pr
 443 r do primeiro grau, felizmente, eu tive. Então eu tenho boas lembranças dessa época e tenho boas lem
 444 iva. Então eu tenho boas lembranças dessa época e tenho boas lembranças, também, desse período de es

Figura 2: Concordância de 'tenho + lembrança'

Como se vê, a maioria dos casos de 'tenho + lembrança' exhibe prosódia semântica positiva, principalmente com os colocados 'boa', 'linda' e 'agradável' (13 das 19 ocorrências, isto é, linhas 86, 88, 109, 117, 184, 185, 209, 224, 229, 302, 441, 443, 444).

Havia 25 Veículos com prosódia semântica preponderantemente negativa, que somam 46 ocorrências. Aqui, como entre as positivas, há uma quase exclusividade de uso negativo: existem apenas seis ocorrências de usos contrários nesse grupo.

O padrão mais freqüente é 'tenho + medo', cujas ocorrências aparecem abaixo.

38 empregada que fica até as sete horas, né? Mas eu tenho um medo de ficar sozinha.
 39 R - Não, de uns anos pra cá que eu tenho medo.
 40 R - Não, não tenho mais medo de nada, mais.
 48 da dona Cacilda, e eu queria voltar pra ela, e eu tenho medo do juizado me prender, a polícia me lev
 77 do, eles tinham medo, porque ele dizia assim: "Eu tenho medo de perder essa menina, ela ganhar o mat
 152 eu comprei a passagem assim, assim, assim, então eu tenho medo, eu tenho medo. É a primeira aula na m
 164 podia, ela fica até il e meia da noite, então eu tenho medo, eu tenho medo. É a primeira aula na m
 165 a até il e meia da noite, então eu tenho medo, eu tenho medo. É a primeira aula na m
 170 o que achasse (risos) Morreu acabou (risos) eu não tenho medo da morte não, você sabe? Palavra sincera
 494 primeiro, tem uma escadaria enorme para subir. Eu tenho muito medo de cair porque, ultimamente, eu c

Figura 3: Concordância de 'tenho + medo'

A maioria das ocorrências é de prosódia semântica negativa (8 de 10 casos; linhas 38, 39, 48, 77, 152, 164, 165, 494). Os depoentes dizem ter medo principalmente da solidão, de perder entes queridos e de acidentes.

Em seguida, apresentamos os Veículos com prosódia semântica indeterminada, isto é, que não ficou clara no contexto, podendo ser positiva, negativa ou neutra; esses casos não ficaram claros nem mesmo quando saímos da concordância e fomos para o texto inteiro.

Havia oito Veículos com prosódia semântica indeterminada, que somam oito ocorrências (5% do total). A concordância abaixo exhibe esses casos.

49 R - Eu não tenho muita fome não. Porque quando fui pro Rio, f
 99 R - (RISOS) Adoro! Não, não tenho participação, mas eu adoro falar em política
 181 digo assim que amo a vida, acho tudo bonito, mas tenho motivo. Tenho motivo, não foi riqueza que fe
 270 R - Casa e carro era normal. Eu tenho um caso de um que tinha duas ou três mas num
 282 paz para todo mundo acho que é a única coisa não tenho grandes ambições
 294 R - Olha, sonho mesmo eu não tenho, mas se eu pudesse voltar para a Itália aind
 300 io. Eu ia com eles. A lembrança da fazenda que eu tenho, no município de Pirajui, na Noroeste, era u
 324 a Liga. Eu tenho o meu telefone no meu quarto, eu tenho os meus compromissos, as minhas amigas, tenh
 401 a tudo que você faz de errado, com certeza. Eu já tenho experiência disso já, por mim mesmo. Estou t
 411 âmpada dentro do projetor, e a gente... Até hoje tenho vontade de reconstruir esse negócio. Foi uma
 478 o ben os doentes, porque único momento que eu não tenho, eu tiro o relógio, é quando eu estou dentro

Figura 4: Concordância de Veículos com preponderância de prosódia semântica indeterminada

Na análise desses casos, voltamos ao texto completo, mas mesmo assim não ficou claro o sentido que o falante estava querendo exprimir. Por exemplo, na linha 49, o fato de não ter fome pode ser positivo (porque o falante talvez quisesse comer menos) ou negativo (porque talvez estivesse desnutrido).

Havia quatro Veículos em que houve empate (isto é, sem preponderância), com um total de nove ocorrências (6% do total); a concordância abaixo mostra essas ocorrências.

5 até hoje eu faço fotografia à vontade, isso eu não tenho dúvida. positiva
 122 as várias fases que eu tive, porque é assim, eu tenho interesse por um determinado assunto. Uma co positiva
 128 é que eu não goste. Eu preciso ter interesse. Não tenho. Eu acho que a única coisa que eu li dele fo negativa
 163 preciso recordar, recordar é viver (Risos) Não tenho vontade, não me chama de imbecil nem de igno negativa
 214 so de eu chegar e disse: olha quero ser fotógrafo tenho vontade tem alguma oportunidade aí o diretor positiva
 294 R - Olha, sonho mesmo eu não tenho, mas se eu pudesse voltar para a Itália aind indeterminado
 411 âmpada dentro do projetor, e a gente... Até hoje tenho vontade de reconstruir esse negócio. Foi uma indeterminado
 418 na encosta. Pensei no vestibulinho, e por sinal eu tenho dúvida se de fato foi a melhor coisa que eu negativa
 436 erência. (risos). De ser um cineasta.... Não. Eu tenho um sonho mais real. Ter um ciclo de longas p positiva

Figura 5: Veículos sem preponderância de prosódia semântica

Para ilustrar, tomemos 'dúvida', que ocorre duas vezes; na primeira ocorrência (linha 5), a prosódia é positiva ('não tenho dúvida'), enquanto na segunda (linha 418), é negativa ('eu tenho dúvida').

Durante a análise dos dados, tivemos a impressão de que a polaridade da prosódia semântica parecia bastante circunscrita nos padrões. Em outras palavras, certos padrões pareciam indicar claramente se a prosódia semântica era positiva ou negativa. Para verificar essa impressão, buscamos todos os Veículos que possuíam mais de uma polaridade, que eram em número de dez. Esses aparecem na tabela a seguir.

Veículos com predominância positiva	Veículos com predominância negativa	Veículos sem predominância (empate)
certeza lembrança problema	contato medo notícia	dúvida interesse sonho vontade

Tabela 2: Veículos com ocorrências em mais de uma polaridade de prosódia semântica

passamos ao longo da vida, não seria improvável que houvesse uma igualdade, senão uma maioria, de metáforas com referências negativas. Contudo, os resultados mostraram que apenas 42% (62 casos) do total são de referências negativas, 51% (76 casos) são de positivas e 7% (11 casos), de indeterminadas. Mesmo que excluíssemos as prosódias indeterminadas (já que na verdade os falantes devem ter feito uma opção de polaridade na prosódia semântica, muito embora não tenha ficado clara) a parcela entre referências positivas e negativas mantém-se: 55% positivas (76 de 138) e 45% negativas (62 de 138). De qualquer modo, em termos de probabilidade, há cinco chances em dez de os depoentes usarem uma metáfora positiva e, um pouco menos, de quatro em cada dez de usarem uma negativa.

O terceiro comentário advindo dos resultados é que, tendo em vista essa preponderância de prosódia semântica positiva, poderíamos dizer que, metaforicamente falando, ao longo da vida foram guardando 'objetos bons' de sua vida. A metáfora ontológica é o recurso que lhes permite tratar esses aspectos da sua vida como 'coisas' que podem possuir e julgar positivamente. Desse modo, sentimentos e outras abstrações são conceptualizadas como objetos 'bons' que foram colecionando. Com base nisso, seria plausível sugerir que haja uma metáfora conceptual maior subjacente a todas essas metáforas ontológicas, no sentido do que Charteris-Black (2004) chamou de 'chave metafórica' ('metaphor key'), isto é, uma formulação que possa resumir as várias metáforas conceptuais do ponto de vista do contexto em que foram usadas (narrativas de vida). Neste caso, parece-nos que talvez essa metáfora superordinada seja algo como A VIDA É UMA COLEÇÃO DE OBJETOS AGRADÁVEIS. Essa metáfora não aparece na literatura, que em geral aponta que a vida é conceptualizada em metáforas como A VIDA É UMA VIAGEM (LAKOFF & JOHNSON, 1980), A VIDA É UM RECEPTÁCULO E A VIDA É UM JOGO DE AZAR (LOOS *et al.*, 1999). Porém, do nosso ponto de vista ela é importante, pois resume aparentemente bem uma tendência otimista em relação à vida que transparece nos dados.

Assim, esquematicamente, poderíamos sugerir a seguinte representação das metáforas:

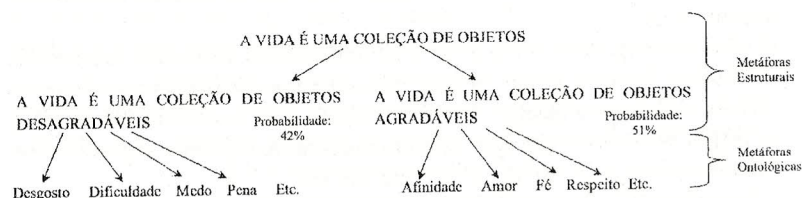


Figura 6: Representação esquemática das metáforas

A análise ainda nos indica alguns aspectos pertinentes à Linguística de Corpus. O primeiro é que a prosódia semântica foi bastante marcada: os grupos positivos, negativos e indeterminados são quase exclusivos. Há no total apenas 20 casos de usos diferentes ao da maioria do grupo (14 negativos entre os positivos, seis positivos entre os negativos), que equivalem a 13% do total de 149 usos metafóricos. Além disso, os empates são em pequeno número (apenas nove, isto é, 6% do total). Isso indica que os 'objetos metafóricos' são construídos ('construed') de forma inequívoca como positivos ou negativos. Há pouca ambigüidade em relação aos sentimentos, emoções e acontecimentos passados. Isso parece corroborar a premissa da Linguística de Corpus de que os sentidos estão ligados a colocações específicas (SINCLAIR, 1991). Assim, um padrão como 'tenho + lembrança' está associado, tipicamente, a um sentido positivo; já 'tenho + medo', a um sentido negativo. Isso pode ser interpretado em termos de probabilidade (BERBER SARDINHA, 2007a; HALLIDAY, 1993, 2005). 'Lembrança', por exemplo, possui uma probabilidade de prosódia semântica positiva bem mais alta do que de negativa: 70% para positiva e 30% para negativa. Essa é uma distribuição chamada de enviesada ('skew'), segundo Halliday (1993, 2005), pois há um sentido predominante associado aos Veículos, em termos de sua prosódia semântica, nos dados. No geral, obtivemos 94% de probabilidade de a prosódia semântica ser predominante. O oposto da distribuição enviesada é a equiprovável; nos nossos dados, esses foram os casos 'empatados', que somaram apenas 6% das ocorrências.

O segundo ponto advindo do emprego da Linguística de Corpus é que os padrões de uso indicaram claramente a polaridade da prosódia semântica. Dez palavras entre as 69 (14%) possuíam mais de uma polaridade. Entretanto, a análise mostrou que a grande maioria dessas palavras possuía padrões exclusivos para uma ou outra prosódia semântica. Isso também corrobora o pressuposto da Linguística de Corpus de que os sentidos estão sinalizados nos padrões léxico-gramaticais (SINCLAIR, 1991), havendo pouca ambigüidade (a não ser proposital) nas narrativas.

O terceiro ponto relaciona-se com o emprego da ferramenta 'Metaphor Candidate Identifier'. Há um aspecto positivo e um negativo a considerar. O positivo é que o programa nos forneceu um 'ponto de entrada' nos dados, ao indicar a palavra 'tenho' como promissora. Com a indicação de apenas uma palavra, chegamos a 69 Veículos diferentes. Dificilmente teríamos escolhido a palavra 'tenho' (e, por conseguinte, não teríamos visto o conjunto de 69 atributos e emoções envolvidos nele), pois ela é pouco freqüente no corpus, sendo apenas a 96ª da lista de freqüência. O aspecto negativo é a baixa precisão com que previu a probabilidade de uso metafórico de 'tenho'. Ele havia previsto que essa probabilidade estaria em torno de 86%, enquanto na verdade ficou perto de 30%. A razão dessa disparidade é que o programa foi treinado com dados provenientes de gêneros diferentes dos analisados. O programa foi treinado com duas fontes:

um corpus especializado de teleconferências bancárias (do registro de negócios) e um corpus geral da língua (de registros variados). No entanto, precisamos enfatizar que a função do programa não é prever com precisão a probabilidade real de uso metafórico, mas apenas oferecer um guia para seleção de palavras de um corpus, com vistas à análise manual, qualitativa; por isso, os números da probabilidade são apenas uma estimativa e por isso dificilmente serão precisos. Assim, não importa muito a probabilidade apontada, mas apenas a classificação da palavra na lista. No caso, 'tenho' estava classificada no topo da lista, significando que era uma das palavras que mereciam atenção no corpus. Esse fato estava correto, pois 'tenho' revelou ser uma palavra importante para entender o sistema metafórico que está em jogo nas narrativas.

7. Comentários finais

Os resultados indicaram que a metáfora ontológica é um recurso importante para conceituar a vida das pessoas, no momento em que contam suas experiências vividas ao longo dos anos. As várias metáforas que encontramos indicam que as pessoas, à medida que contam sua vida, conceituam seus sentimentos e experiências como objetos que possuem ('tenho lembrança', 'tenho medo', 'tenho amor', 'tenho interesse' etc.). Se partirmos de uma visão puramente ontológica dessas metáforas, chegaríamos apenas a concluir que SENTIMENTOS E EXPERIÊNCIAS VIVIDAS SÃO OBJETOS ou, segundo Kövecses (2000: 94), ATRIBUTOS SÃO OBJETOS POSSUÍDOS. No entanto, se enxergarmos esse conjunto de metáforas em termos do contexto em que foram produzidas (i.e., narrativas de vida), teremos um visão diferente: poderíamos dizer que haveria uma metáfora superordenada do tipo A VIDA É UMA COLEÇÃO DE OBJETOS. Além disso, levando em conta que a maioria das metáforas ontológicas tinha uma polaridade positiva, segundo sua prosódia semântica, poderíamos ainda propor que A VIDA É UMA COLEÇÃO DE OBJETOS AGRADÁVEIS.

Mas, se A VIDA É UMA COLEÇÃO DE OBJETOS AGRADÁVEIS, aonde vão os momentos desagradáveis e dolorosos na vida das pessoas? Não seriam eles também colecionados? Nossos dados mostram que as tristezas são também objetos que as pessoas colecionam e inspecionam quando recontam suas vidas, porém em menor grau. Não sabemos se os depoentes tiveram realmente poucos dissabores na vida, se são otimistas por natureza, ou se simplesmente os omitiram durante a entrevista. Porém, sua menor frequência nas narrativas pode estar associada a uma tendência de muitas pessoas priorizarem os momentos bons da vida e falarem a respeito deles, evitando falar das dores e tristezas da vida. Seria como se houvesse uma metáfora complementar do tipo SENTIMENTOS E EXPERIÊNCIAS RUINS SÃO OBJETOS QUE PRECISAM SER EVITADOS. Essa é apenas uma hipótese que não pode ser corroborada pelos dados analisados

aqui, visto que nosso foco na palavra 'tenho' não nos permitiu encontrar essa metáfora diretamente.

Este estudo possui várias limitações, entre elas o fato de termos nos detido apenas às metáforas realizadas a partir de uma palavra ('tenho') e, por consequência, de termos tido acesso somente a metáforas ontológicas. Com certeza, há muitas outras metáforas ontológicas e estruturais que povoam as narrativas e que precisam ser analisadas, o que poderá ser feito em pesquisas futuras. Além disso, é preciso ressaltar que pode haver outras metáforas lingüísticas que se refiram à metáfora conceitual A VIDA É UMA COLEÇÃO DE OBJETOS que não sejam expressas pela palavra 'tenho'. Mesmo com esse recorte, contudo, os achados revelaram aspectos importantes do conjunto metafórico das narrativas, em particular, e da vida, em geral. Vale lembrar que por meio de uma única palavra, chegamos a 69 Veículos diferentes.

Esta pesquisa ajudou a reforçar ainda mais o potencial da Lingüística de Corpus como arcabouço teórico-metodológico na pesquisa de metáforas.

Como metodologia, a abordagem 'bottom up' empregada aqui, que inclui a triagem automática de potenciais metáforas e a análise qualitativa, em profundidade, com concordâncias, parece ser útil para lidar com os desafios da análise de metáforas em *corpora*. Em relação ao *software*, a análise serviu para testar o programa de triagem de metáforas 'Metaphor Candidate Identifier'. A análise revelou que ele superestimou o potencial metafórico da palavra 'tenho'. No entanto, ainda acreditamos que a triagem prévia com o programa é válida, pois submete cada palavra do corpus a um critério imparcial e extensivo, algo que um analista humano não seria capaz de fazer. De qualquer forma, essa confrontação entre a expectativa do programa e a realidade dos dados é saudável para permitir melhorias no *software*. A providência mais imediata é o treinamento do programa com os dados das narrativas, para que futuras análises dessas narrativas estejam melhor afinadas.

Como teoria, a Lingüística de Corpus oferece os conceitos de padronização e de prosódia semântica como subsídios para a análise das metáforas. Sem a prosódia semântica não teria sido possível analisar, criteriosamente, se as metáforas eram positivas ou negativas no discurso, visto que, tradicionalmente, as pesquisas sobre metáfora conceitual não levam em conta a expressão de avaliação por meio de metáforas, com exceção das orientacionais, em que isso é expresso na forma de 'bom' ou 'ruim' (BOM É PARA CIMA, RUIM É PARA BAIXO etc.). Cremos que seja preciso levar em conta se as metáforas foram usadas com sentido positivo, negativo, neutro etc. no discurso. O conceito de prosódia semântica pode auxiliar nesse processo, conforme mostramos neste estudo. A prosódia semântica pode ainda complementar estudos que adotam uma perspectiva crítica da metáfora, como Charteris-Black (2004), em que o analista tenta desvendar a ideologia, as crenças e o posicionamento do autor por meio das metáforas empregadas no discurso. Charteris-Black (2004) faz essa análise valorativa com base em seu

próprio julgamento das evidências lingüísticas do corpus. Talvez a prosódia semântica possa auxiliar nesse processo, proporcionando meios de verificar os indícios lexicais que indicam posicionamentos críticos.

De modo geral, a tendência ao otimismo, observada nos dados, é reconfortante, pois sugere que as pessoas, mesmo tendo passado por muitos dissabores, recontam suas vidas sob um prisma essencialmente positivo. Não menos reconfortante é saber que dispomos de recursos teóricos e metodológicos para identificar as metáforas que sustentam esse otimismo.

Bibliografia

- BERBER SARDINHA, A. P. Lingüística de corpus: Histórico e problemática. *Del-ta*, 16(2), 323-367, 2000.
- BERBER SARDINHA, T. *Lingüística de Corpus*. São Paulo, Manole, 2004.
- BERBER SARDINHA, T. An online program for tagging metaphors in corpora. In: S. Zyngier, V. Viana e A. M. Spallanzani (Eds.), *Linguagens e Tecnologias: Estudos Empíricos* (pp. 165-182). Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2006.
- BERBER SARDINHA, T. Halliday's probability resetting and metaphor use: Comparing a specific genre to general language. In: L. Barbara e T. Berber Sardinha (Eds.), *Proceedings of the 33rd International Systemic Functional Congress* (pp. 977-988). São Paulo, PUCSP, 2007a.
- BERBER SARDINHA, T. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007b.
- BERBER SARDINHA, T. Metáforas de Lula sob a ótica da Lingüística de Corpus. Comunicação apresentada no VI Encontro de Lingüística de Corpus, USP, São Paulo, 6 e 7 de setembro de 2007.
- BERBER SARDINHA, T. Metaphor in corpora: A corpus-driven analysis of Applied Linguistics dissertations. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, 7, 11-36, 2007d.
- BERBER SARDINHA, T. Semantic prosodies in English and Portuguese: A contrastive study. In: W. Teubert & R. Krishnamurthy (Eds.), *Corpus Linguistics – Critical Concepts in Linguistics* (Vol. III, pp. 51-66.). Londres; New York: Routledge, 2007e.
- BERBER SARDINHA, T. (no prelo). Metaphor probabilities in corpora. In: M. S. Zanutto, L. Cameron & M. Cavalcanti (Eds.), *Confronting Metaphor in Use: An Applied Linguistic Approach*. Amsterdam/Atlanta, GA, Benjamins.
- BIBER, D., Conrad, S.; REPPEN, R. *Corpus Linguistics – Investigating Language Structure and Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- CAMERON, L. *Metaphor in Educational Discourse*. London: Continuum, 2003.

- CAMERON, L. (no prelo). Patterns of metaphor use in reconciliation talk. *Discourse and Society*.
- CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004.
- DEIGNAN, A. *Metaphor and Corpus Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.
- HALLIDAY, M. A. K. Quantitative studies and probabilities in grammar. In: J. J. Webster (Ed.), *Computational and Quantitative Studies* (pp. 130-156). New York: Continuum, 1993/2005.
- JONSSON, H., Josephsson, S., & Kielhofner, G. Evolving narratives in the course of retirement: a longitudinal study. *American Journal of Occupational Therapy*, 54(5), 463-470, 2000.
- KOLLER, V. *Metaphor and Gender in Business Media Discourse: A Critical Cognitive Study*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004.
- KÖVECSSES, Z. *Metaphor and Emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- LAKOFF, G. The invariance hypothesis: Is abstract reason based on image schemas? *Cognitive Linguistics*, 1(1), 39-74, 1990.
- LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In A. Ortony (Ed.), *Metaphor and Thought* (pp. 202-251). Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LOOS, E.; ANDERSON, S.; DAY Jr. D. H.; Jordan, P. C.; WINGATE, J. D. (1999). *Metaphors in English*. Dallas: SIL International, 1999.
- LOUW, B. Irony in the text or insincerity in the writer: the diagnostic potential of semantic prosodies. In: M. Baker, G. Francis & E. Tognini-Bonelli (Eds.), *Text and technology – Essays in honor of John McH Sinclair* (pp. 157-176). Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins, 1993.
- MCENERY, T.; WILSON, A. *Corpus Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.
- POLKINGHORNE, D. E. Narrative configuration in qualitative analysis. In J. A. Hatch & R. Wisniewski (Eds.), *Life History and Narrative* (pp. 5-24). London; Washington, D.C.: The Falmer Press, 1995.
- SINCLAIR, J. M. *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford, New York: Oxford University Press, 1991.
- STUBBS, M. Collocations and semantic profiles: On the cause of trouble with quantitative studies. *Functions of Language*, 2(2), 23-56, 1995.
- ZANOTTO, M. S.; CAMERON, L.; Cavalcanti, M. (no prelo). Introduction. In: M. S. Zanutto, L. Cameron & M. Cavalcanti (Eds.), *Confronting Metaphor in Use: An Applied Linguistic Approach*. Amsterdam/Atlanta, GA: John Benjamins.